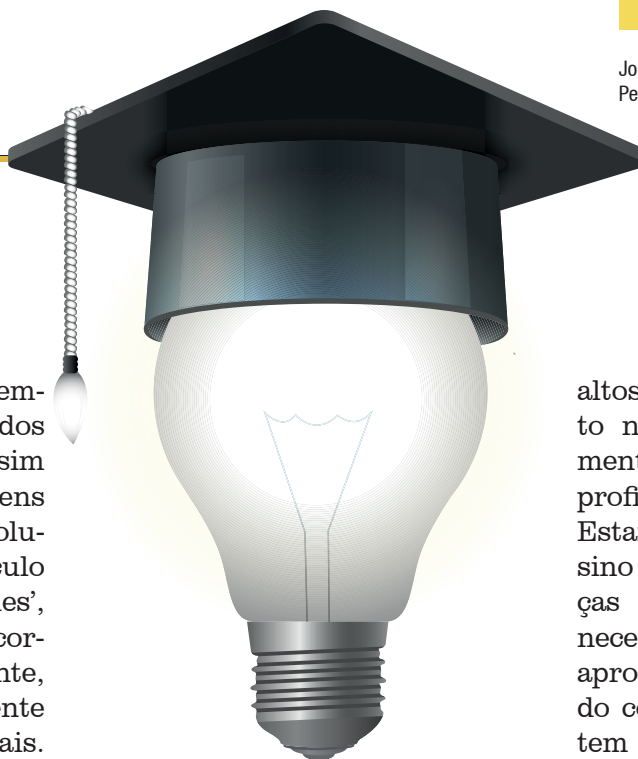


Educar é redimir



Jéneron Alves

Jornalista. Editor do Jornal Extra de Pernambuco



“**E**ra o melhor dos tempos, era o pior dos tempos”. Foi assim que Charles Dickens descreveu as mudanças revolucionárias da França do século XVIII, em ‘A tale for two cities’, cuja primeira publicação ocorreu em 1859. Curiosamente, a designação é perfeitamente aplicável para os tempos atuais. Há uma contradição na contemporaneidade; um misto de descrença e esperança. É possível afirmar que, de certa forma, as universidades podem ser consideradas como uma ‘metáfora’ dos nossos dias. Com avanços e desafios, o Ensino Superior no Brasil carece de maiores reflexões, que podem servir de esteio para uma melhor compreensão do processo educacional como um todo.

Dados do Ministério da Educação (MEC) dão conta de um expressivo avanço no que concerne à expansão e interiorização de universidades, inclusive

as federais, nos últimos anos. A valorização da carreira do magistério no ensino superior, além da implementação de medidas como o Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Fundo de Financiamento ao Estudante (FIES), são apontados como elementos positivos na superação das limitadas taxas de acesso de jovens aos mais elevados níveis educacionais do país.

Entretanto, a aproximação dos estudantes com os mais

altos padrões de conhecimento não representa, necessariamente, uma garantia de sucesso profissional, tampouco pessoal. Estar em uma instituição de ensino superior provoca mudanças intra e interpessoais que necessitam de um olhar mais aprofundado. No livro ‘Questões do cotidiano universitário’, que tem vários autores, são discutidos os embaraços que existem neste universo. Os pesquisadores observaram nos universitários problemas como falta de criatividade, baixa habilidade de compreensão em leitura, inabilidade de produção escrita e, pasmem, dificuldades para lidar com questões existenciais.

É verdade que esta é uma (triste) realidade que não se percebe apenas no Brasil. O professor e filósofo norte-americano Allan Bloom já lamentava a falta de profundidade intelectual em estudantes de centros universitários, conforme pode ser observado em seu livro ‘O declínio

“(...) são os jovens que agora estão nas universidades os construtores do amanhã”

da cultura ocidental’. Esta problemática não se configura apenas no contexto intelectual, mas espalha-se por outras dimensões do ser, intervindo em sua saúde física, psicológica e nas relações com familiares e amigos. Informações da Unicamp de 2013 mostram que 48,7% dos estudantes já experimentaram drogas ilícitas, percentual que corresponde ao dobro da taxa da população brasileira. Eis o saldo de uma educação relativista, com respostas irrelevantes e sem bases morais sólidas.

Este tipo de constatação é extremamente preocupante. Afinal de contas, são os jovens que agora estão nas universidades os construtores do amanhã. Das salas de aula dos cursos de ensino superior sairão os profissionais que lidarão com as demandas de um mundo cada vez mais fluídico, com problemas distintos dos vivenciados pelas gerações anteriores. Estes entraves, sem dúvida, já são percebidos durante as aulas, nas quais um professor analógico precisa encontrar caminhos para prender a atenção de alunos digitais. Neste mundo em que “tudo o que é sólido se desmancha no ar”, a liquidez aniquila a plenitude da vida (zoe). Como diria o sociólogo

polonês Zygmunt Bauman, este ‘modus vivendi’ consiste na aquiescência à desorientação, imunidade à vertigem, adaptação ao estado de tontura, tolerância com falta de itinerário e direção, bem como com a duração indefinida da viagem.

Não existem pontificadores que lidem com a complexidade desta situação. Em outras palavras, não serão desenvolvidas fórmulas mágicas, com “tantos passos” para nortear os professores e demais profissionais da Educação. Faz-se mister adotar premissas filosóficas coerentes com a essência do processo educacional, que não se percam em falácias ou argumentos retóricos contraditórios e inócuos. Para isto, talvez, seja imprescindível revisitar certos conceitos abraçados praticamente de forma universal. Um deles é a neutralidade moral do ser humano, que repercute em uma liberdade exacerbada. Afinal de contas, Jung apresenta a psique humana composta por luz e sombra, ou seja, bem e mal.

Para enxergar os horizontes do futuro, convém rememorar o passado. Ao invés de atentar a certos movimentos reformistas contemporâneos, muitas vezes mais afeitos aos lucros pecuniários do que à formação humana, é pertinente revisitar as fontes da Inteligência. Assim sendo, torna-se imprescindível beber das águas gregas da ‘paideia’. De forma simplificada, pode-se afirmar que este modelo buscava atender a todos os aspectos da vida humana, tendo a virtude

(‘aretê’) como ideal de formação social. Destarte, esta ótica pode servir de aporte para o senso crítico, a valorização do trabalho, a sistematização do ensino e o propósito disciplinador nas relações educacionais.

Talvez retomar alguns pontos da ‘paideia’ seja uma alternativa ao desenraizamento provocado pelo pós-modernismo, cujo construtivismo nutre e fertiliza com individualismo e relativização de valores. Aliada a ela, uma pedagogia redentiva poderá oferecer esperança para docentes e discentes, com foco no desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais do ser humano. Este objetivo, porém, já foi expresso pelo professor e escritor tcheco João Amós Comenius no século XVII, hoje conhecido como Pai da Pedagogia Moderna: “(...) que todo homem seja educado integralmente, formado corretamente, (...) para que ele seja capaz de amar a verdade e não seja iludido pelo que é falso; para amar o bem e não ser seduzido pelo mal; para fazer o que deve ser feito e não permitir o que deve ser evitado; para falar sabiamente sobre tudo com qualquer um quando necessário, e não ser estúpido em nenhum assunto; e, finalmente, para lidar com as coisas, com os homens e com Deus, em todos os sentidos, racionalmente e não precipitadamente e assim nunca se afastando da meta da felicidade e educando em todos os aspectos, não para pompa e exibição, mas para a verdade (...)” ■